

O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO

JEFFREY ARCHER

AS CRÓNICAS DE CLIFTON

VOLUME TRÊS

# O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



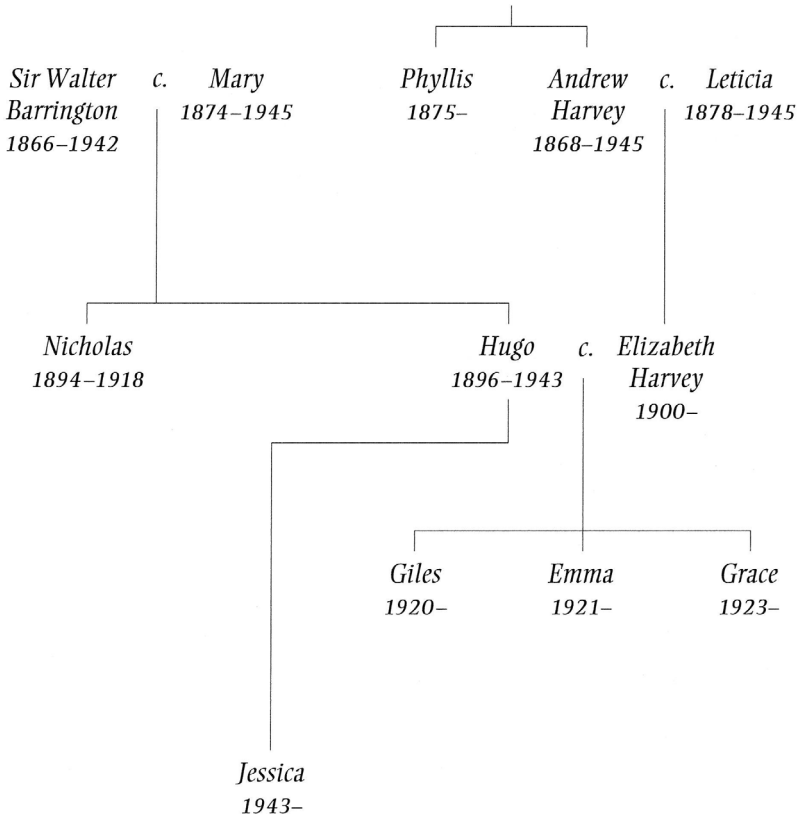
BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

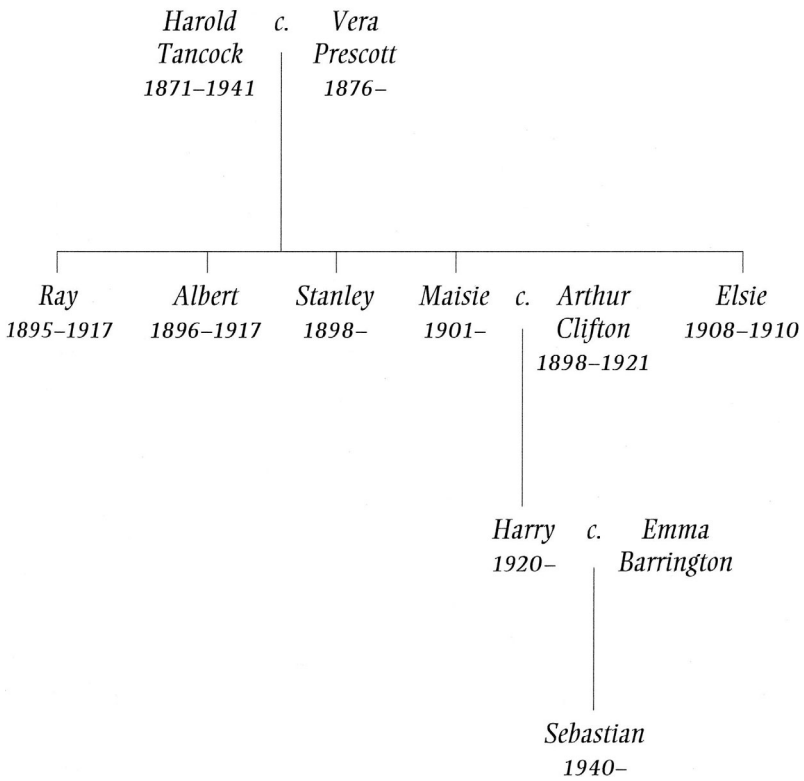
Para  
SHABNAM E ALEXANDER

Os meus agradecimentos vão para as seguintes pessoas,  
pelos seus preciosos conselhos e pesquisa:  
Simon Bainbridge, Robert Bowman, Eleanor Dryden,  
Alison Prince, Mari Roberts e Susan Watt

OS BARRINGTON



OS CLIFTON



## PRÓLOGO

O Big Ben deu quatro badaladas.

Embora o Lorde Chanceler estivesse exausto e esgotado pelo que se passara naquela noite, ainda tinha adrenalina suficiente no corpo para garantir que não adormecia. Assegurara a suas senhorias que pronunciaría uma decisão no caso de Barrington contra Clifton relativamente a qual dos jovens devia herdar o título ancestral e as vastas propriedades da família.

Voltou a considerar os factos, pois acreditava que eles, e só eles, deviam determinar o seu parecer final.

Quando iniciara o estágio há cerca de quarenta anos, o seu patrono aconselhara-o a pôr de lado todos os sentimentos pessoais, opiniões ou preconceitos quando tivesse de emitir um juízo sobre o cliente ou sobre o caso que tinha entre mãos. O direito não era profissão para pessoas impressionáveis ou românticas, sublinhara. No entanto, depois de se ter guiado por estes preceitos durante quatro décadas, o Lorde Chanceler tinha de admitir que nunca se deparara com um caso tão equilibrado. Quem lhe dera que F. E. Smith ainda estivesse vivo, para lhe poder pedir conselho.

Por um lado... Como detestava estas frases feitas! Por um lado, Harry Clifton tinha nascido três semanas antes do seu maior amigo, Giles Barrington: facto. Por outro, Giles Barrington era incontestavelmente o filho legítimo de Sir Hugo Barrington e da sua legítima esposa, Elizabeth: facto. Mas isso não fazia dele o primogénito de Sir Hugo, e esse era o aspeto relevante do testamento.

Por um lado, Maisie Tancock deu à luz Harry no vigésimo oitavo dia do nono mês após admitir ter tido uma relação fugaz com Sir Hugo

Barrington durante uma excursão do pessoal a Weston-super-Mare. Facto. Por outro lado, Maisie Tancock estava casada com Arthur Clifton quando Harry nasceu, e a certidão de nascimento dizia claramente que Arthur era o pai da criança. Facto.

Por um lado... os pensamentos do Lorde Chanceler voltaram ao que se tinha passado depois de a câmara ter finalmente aberto a votação e de os deputados terem votado se devia ser Giles Barrington ou Harry Clifton a herdar o título e *tudo o que lhe está associado*. Recordou as palavras exatas do funcionário do tribunal quando anunciou o resultado à câmara apinhada.

«Total de votos a favor, duzentos e setenta e três. Total de votos contra, duzentos e setenta e três.»

Isto provocara um enorme burburinho nas bancadas vermelhas. Aceitava que o empate na votação o deixara com a pouco invejável tarefa de ter de decidir quem devia herdar o título da família Barrington, a ilustre companhia de navegação, assim como as casas, as terras e os objetos de valor. Se ao menos não houvesse tanta coisa a depender da sua decisão no que tocava ao futuro daqueles dois jovens... Devia deixar-se influenciar pelo facto de Giles Barrington desejar herdar o título e Harry Clifton não? Não, não devia. Tal como Lord Preston referira no seu convincente discurso a partir das bancadas da oposição, isso iria criar um mau precedente, mesmo que fosse conveniente.

Por outro lado, se decidisse a favor de Harry... adormeceu finalmente, e só acordou quando lhe bateram ao de leve na porta, à hora invulgarmente tardia das sete da manhã. Resmungou, e ficou de olhos fechados enquanto contava as badaladas do Big Ben. Faltavam apenas três horas para anunciar o seu veredito e ainda não tinha tomado uma decisão.

O Lorde Chanceler voltou a resmungar enquanto punha os pés no chão, calçava os chinelos e ia até à casa de banho. Mesmo na banheira, continuou a debater-se com o problema.

Facto. Harry Clifton e Giles Barrington eram ambos daltónicos, tal como Sir Hugo. Facto. O daltonismo só pode ser herdado por via materna, portanto não passava de uma coincidência e, como tal, devia ser ignorado.



Saiu do banho, enxugou-se e vestiu um roupão. Depois, esgueirou-se do quarto e percorreu o corredor alcatifado até chegar ao seu escritório.

O Lorde Chancellor pegou numa caneta de tinta permanente e escreveu os nomes «Barrington» e «Clifton» na primeira linha da folha, começando depois a anotar debaixo de cada um deles os respetivos prós e contras. Quando já tinha completado três páginas com a sua bonita caligrafia, o Big Ben deu oito badaladas. Mas nem por isso se sentia mais esclarecido.

Pousou a caneta e foi relutantemente à procura de sustento.

O Lorde Chancellor sentou-se sozinho, tomando o pequeno-almoço em silêncio. Recusou sequer olhar para os jornais da manhã, tão bem organizados na outra ponta da mesa, ou ligar o rádio, pois não queria que algum comentador mal informado influenciasse a sua decisão. Os jornais sérios discorriam sobre o futuro do princípio hereditário caso o Lorde Chancellor decidisse a favor de Harry, ao passo que os tabloides só pareciam interessados em saber se Emma poderia, ou não, casar com o homem que amava.

Quando voltou à casa de banho para escovar os dentes, os pratos da Justiça continuavam tão equilibrados como antes.

Logo depois de o Big Ben ter batido as nove badaladas, voltou ao escritório e reviu as anotações, na esperança de que a balança pendesse finalmente para um dos lados, mas os pratos mantiveram-se perfeitamente equilibrados. Estava a rever uma vez mais as suas anotações quando ouviu bater levemente na porta, o que lhe lembrou que, por mais poderoso que imaginasse ser, ainda não conseguia fazer o tempo parar. Soltou um profundo suspiro, rasgou três folhas do bloco, levantou-se e continuou a ler enquanto saía do escritório e percorria o corredor. Quando entrou no quarto, encontrou East, o seu criado particular, à sua espera aos pés da cama para cumprir o ritual matinal.

East começou por lhe tirar habilmente o roupão de seda, antes de o ajudar a vestir uma camisa branca que ainda estava morna do ferro. A seguir, um colarinho engomado, seguido de um lenço de pescoço debruado a renda. Ao vestir os calções pretos, o Lorde Chancellor foi obrigado a lembrar-se de que tinha ganho uns quilinhos desde que assumira funções. A seguir, East ajudou-o com a toga preta e dourada,

antes de centrar a sua atenção na cabeça e pés do seu amo. A cabeleira comprida foi-lhe colocada na cabeça antes de calçar um par de sapatos com fivela. Só quando a corrente de ouro que já tinha sido usada anteriormente por trinta e nove Lordes Chanceleres lhe foi pousada sobre os ombros é que a dama de pantomima se transformou na autoridade jurídica suprema do país. Um olhar de relance ao espelho, e sentiu-se pronto para entrar no palco e desempenhar o seu papel no drama que se estava a desenrolar. Só era pena ainda não saber as suas deixas.

Os tempos da entrada e saída do Lorde Chanceler da Torre Norte do Palácio de Westminster teriam impressionado o sargento-mor de um regimento. Às 9h47, bateram à porta e o seu secretário, David Bartholomew, entrou na sala.

— Bom dia, sua senhoria — arriscou ele.

— Bom dia, senhor Bartholomew — respondeu o Lorde Chanceler.

— Lamento ter de informar — disse Bartholomew — que Lord Harvey faleceu a noite passada numa ambulância, a caminho do hospital.

Ambos os homens sabiam que isto não era verdade. Lord Harvey — o avô de Giles e Emma Barrington — tinha sucumbido na câmara, momentos antes de ter soado a campainha para a votação. No entanto, ambos aceitavam a convenção ancestral: se um deputado da Câmara dos Comuns ou dos Lordes morresse durante uma sessão parlamentar, tinha de ser efetuado um inquérito completo às circunstâncias da sua morte. Para evitar esta charada desagradável e desnecessária, «morreu a caminho do hospital» era a fórmula aceite que cobria tais eventualidades. O costume remontava ao tempo de Oliver Cromwell, quando os membros eram autorizados a usar espada na câmara e o jogo sujo era uma possibilidade real sempre que havia uma morte.

O Lorde Chanceler sentiu-se triste com a morte de Lord Harvey, um colega por quem sentia apreço e admiração. Quem lhe dera que o secretário não o tivesse lembrado de um dos factos que registara na sua bonita caligrafia por baixo do nome de Giles Barrington! A saber, o facto de Lord Harvey não ter podido votar em virtude do colapso

sofrido e que, caso o tivesse feito, teria sido a favor de Giles Barrington. Isso teria resolvido o assunto de uma vez por todas e ele poderia ter dormido profundamente naquela noite. Agora, estavam à espera de que fosse ele a resolver *definitivamente* o assunto.

Ele tinha introduzido outro facto por baixo do nome de Harry Clifton. Quando o recurso original surgira seis meses antes perante os juristas da Câmara dos Lordes, estes tinham votado 4-3 a favor de Clifton herdar o título e, para citar o testamento, *tudo o que lhe está associado*.

Bateram novamente à porta e apareceu o seu caudatário, envergando outro traje ao estilo Gilbert e Sullivan, para assinalar que a antiga cerimónia estava prestes a começar.

— Bom dia, sua senhoria.

— Bom dia, senhor Duncan.

No momento em que o caudatário pegou na bainha da longa toga preta do Lorde Chanceler, David Bartholomew avançou e abriu as portas duplas do camarote, para que o seu amo pudesse iniciar o trajeto de sete minutos até à Câmara dos Lordes.

Deputados, funcionários e representantes ocupados com os seus afazeres quotidianos afastaram-se rapidamente para um lado quando viram o Lorde Chanceler a aproximar-se, certificando-se de que o caminho para a câmara estava desimpedido. Faziam uma vénia à sua passagem, não a ele, mas ao soberano que representava. Ele prosseguiu ao longo do corredor alcatifado a vermelho à mesma velocidade que usara todos os dias nos últimos seis anos, de forma a entrar na câmara quando o Big Ben desse a primeira badalada das dez horas da manhã.

Num dia normal, e este não era um dia normal, sempre que ele entrava na câmara era recebido por um punhado de deputados que se levantavam educadamente das bancadas vermelhas, faziam uma vénia ao Lorde Chanceler e permaneciam de pé enquanto o bispo de serviço conduzia as orações matinais, após as quais se iniciavam os trabalhos.

Mas não hoje, pois muito antes de ter chegado à câmara já conseguia ouvir o murmúrio de vozes a conversar. Até mesmo o Lorde Chanceler ficou surpreendido com aquilo que viu quando entrou na Câmara dos Lordes. As bancadas vermelhas estavam tão cheias que

alguns deputados tinham migrado para os degraus em frente do trono, enquanto outros estavam em pé, junto ao gradeamento da câmara, sem conseguirem encontrar lugar. A única outra ocasião em que se lembrava de ver a câmara tão cheia tinha sido quando Sua Majestade pronunciara o Discurso do Rei, em que informara os membros de ambas as câmaras sobre a legislação que o seu governo se propunha aprovar durante a próxima sessão do Parlamento.

Quando o Lorde Chanceler entrou na câmara, suas senhorias pararam imediatamente de falar, levantaram-se em simultâneo e fizeram uma vénia quando ele tomou o seu lugar, em frente da almofada.

A suprema autoridade judicial do país olhou lentamente à volta da câmara e deparou-se com mais de mil olhos impacientes. Por fim, centrou-se em três jovens que estavam sentados na outra ponta da câmara, diretamente por cima dele, na Galeria dos Visitantes Distintos. Giles Barrington, a sua irmã Emma e Harry Clifton estavam de luto, em respeito por um avô adorado e, no caso de Harry, por um mentor e querido amigo. Sentiu pena dos três, ciente de que a decisão que estava prestes a tomar iria mudar as suas vidas. Rezou para que fosse para melhor.

Quando sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Bristol — mas que apropriado, pensou o Lorde Chanceler —, abriu o livro de orações, suas senhorias inclinaram as cabeças e não voltaram a erguê-las até ele pronunciar as palavras: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo».

As pessoas ali reunidas voltaram a sentar-se, fazendo com que o Lorde Chanceler fosse o único a continuar de pé. Depois de estarem instalados, suas senhorias recostaram-se e esperaram para ouvir o veredito.

— Meus senhores — começou ele —, não posso fingir que a decisão que me confiaram foi tarefa fácil. Pelo contrário, confesso que foi uma das decisões mais difíceis que tive de tomar na minha longa carreira. Mas foi Thomas More que nos lembrou que quando usamos estes trajes, temos de estar dispostos a tomar decisões que raramente agradam a todos. E na verdade, meus senhores, já houve três ocasiões no passado em que, tendo o Lorde Chanceler pronunciado a sua sentença, acabou por ser decapitado nesse mesmo dia.

O riso que se seguiu quebrou a tensão, mas apenas por um momento.

— No entanto, é meu dever recordar — acrescentou ele, depois de o riso esmorecer — que só tenho de prestar contas a Deus Todo-Poderoso. Com isso em mente, meus senhores, no caso Barrington contra Clifton, em que se pretende saber quem deve suceder a Sir Hugo Barrington como seu legítimo herdeiro e receber o título da família, as terras e tudo o que lhe está associado...

O Lorde Chanceler voltou a olhar para cima, em direção à galeria, e hesitou. Os seus olhos pousaram nos três jovens inocentes que continuavam a fitá-lo. Rezou pela sabedoria de Salomão antes de acrescentar:

— Tendo considerado todos os factos, decido a favor de... Giles Barrington.

O zumbido dos murmúrios eclodiu de imediato na parte inferior da câmara. Os jornalistas abandonaram rapidamente a galeria da imprensa para comunicar a decisão do Lorde Chanceler aos seus editores: o princípio hereditário continuava intacto e Harry Clifton podia agora pedir a Emma Barrington para ser sua legítima esposa. Enquanto isso, o público que estava na galeria dos visitantes lá em cima debruçou-se sobre o gradeamento para ver como é que suas senhorias reagiam à sentença. Mas isto não era um jogo de futebol, nem ele era um árbitro. Não haveria necessidade de soprar o apito, já que cada membro da Câmara dos Lordes aceitaria e acataria a decisão do Lorde Chanceler sem divisão ou divergência. Enquanto o Lorde Chanceler esperava que o clamor abrandasse, voltou a olhar para a galeria lá em cima e para as três pessoas mais afetadas pela sua decisão, para ver como tinham reagido. Harry, Emma e Giles continuavam a fitá-lo inexpressivamente, como se o significado da sua sentença ainda não tivesse sido devidamente processado.

Depois de meses de incerteza, Giles experimentou uma sensação de alívio imediato, embora a morte do seu adorado avô afastasse qualquer sentimento de vitória.

Harry só tinha um pensamento na cabeça enquanto segurava a mão de Emma com firmeza. Agora, podia casar-se com a mulher que amava.

Emma continuava hesitante. No fim de contas, o Lorde Chanceler criara uma nova série de problemas para os três, que não seria chamado a resolver.

O Lorde Chanceler abriu a sua pasta com borla dourada e estudou a ordem do dia. O segundo ponto da agenda era um debate sobre a proposta de criação do Serviço Nacional de Saúde. Foram vários os deputados que se esgueiraram da câmara, ao mesmo tempo que as coisas regressavam à normalidade.

O Lorde Chanceler nunca admitiria, nem mesmo ao confidente mais próximo, que tinha mudado de ideias no último minuto.